

Era uma vez um relógio que marcava horas que não existiam. Às vezes ele atrasava para ontem, às vezes adiantava para um amanhã que ainda não tinha decidido se ia acontecer. As pessoas passavam por ele sem notar, como se o tempo fosse apenas um detalhe decorativo pendurado na parede da rotina. Enquanto isso, uma cadeira azul pensava seriamente em se tornar uma escada, mas desistia toda vez que alguém sentava nela com pressa.

O vento atravessava a rua carregando conversas inacabadas, frases interrompidas por sinais vermelhos e ideias que nunca chegaram ao ponto final. Um cachorro observava tudo com a sabedoria silenciosa de quem entende mais do mundo do que aparenta, mas prefere fingir que só se importa com petiscos. No fundo, talvez ele soubesse que o segredo da vida não estava em respostas, mas em cochilos bem distribuídos ao longo do dia.

As nuvens discutiam entre si sobre formatos. Uma insistia que parecia um dragão, outra jurava ser apenas um amontoado de indecisões atmosféricas. Nenhuma estava errada. A verdade é que o céu adora ambiguidade, e faz questão de lembrar isso sempre que alguém tenta explicar demais o que sente. Explicar demais cansa. Simplificar demais também. O equilíbrio raramente dá as caras sem convite.

Em uma mesa esquecida de um café qualquer, uma xícara fria guardava histórias de mãos que já não estavam ali. Café esquecido é quase um manifesto silencioso sobre distrações humanas. A colher repousava ao lado, cúmplice, sabendo que jamais seria usada novamente para aquela bebida específica. Ainda assim, mantinha a postura. Profissionalismo acima de tudo.

Palavras surgiam na cabeça como vaga-lumes: algumas brilhavam forte por poucos segundos, outras piscavam timidamente até desaparecer. Nem todas precisavam ser ditas. Algumas existiam apenas para provar que pensar também é uma forma de movimento. Ideias que não saem do lugar ainda assim percorrem distâncias internas enormes.

Havia também uma estrada que não levava a lugar nenhum específico, e talvez por isso fosse tão atraente. Pessoas caminhavam por ela esperando encontrar algo, mas acabavam encontrando a si mesmas em versões levemente diferentes — um pouco mais cansadas, um pouco mais sinceras, um pouco menos preocupadas com respostas definitivas.

No meio disso tudo, alguém decidiu escrever. Não para explicar, convencer ou ensinar, mas apenas para preencher um espaço que pedia letras. Uma frase puxava a outra, como quem puxa assunto em fila de mercado. Sem pressa. Sem objetivo claro. Apenas continuidade. Porque às vezes continuar já é suficiente.

E assim o texto seguia, não porque precisava chegar a algum lugar, mas porque parar exigiria uma decisão. E decidir dá trabalho. Continuar, por outro lado, é quase automático. Uma palavra depois da outra, um parágrafo empilhado sobre o anterior, formando algo que não é exatamente um sentido, mas também não é vazio.

No fim — se é que existe fim — tudo isso vira apenas um bloco de texto aleatório, útil, inútil, neutro, adaptável. Um texto que pode ser apagado sem culpa ou reutilizado sem explicação. Um texto que existe porque foi pedido. E isso, curiosamente, já é motivo suficiente.